



“EtnoMangá” Relatos de Racismo e Preconceito em Instituições de Ensino

Pública: da “escrita densa” às representações nos mangás (Histórias em quadrinhos).

Fernanda Feijó ¹
Diego Mendes Christo ²
Sandaves Herculano ³

Resumo

Neste relato de experiência apresentamos o “Etnomangá” como recurso didático-pedagógico e objeto de pesquisa-ação e de observação participante aplicadas para desenvolver aprendizagens pelas escritas etnográfica e autoetnográfica (BITENCOURT, 2020; SCHWEIG, 2020) na forma de um gênero de histórias em quadrinhos conhecido como mangá. Partimos, nesse paper, da perspectiva de que os estudantes desenvolvem pesquisa ao se apropriarem da construção do saber social. Neste sentido, o trabalho discorre sobre a produção dos mangás (BRAGA JR, 2011; 2020) para contar experiências reais de preconceitos vivenciados pelos estudantes do ensino médio nas aulas de Sociologia, bem como a capacidade de externalização e níveis de percepções de como esse preconceito se apresenta dentro dos grupos sociais. Os quadrinhos produzidos e apresentados aqui são os relatos e esforço de escrita feitos por estudantes de três instituições públicas de ensino da cidade de Maceió-AL, demonstrando a apropriação de uma escrita sistematizada - aliando observação e reflexão - com rigor e metodologia para sua produção. Através de *Engines*, os estudantes foram estimulados a reproduzir as etnografias como representações lúdicas em forma de mangá para serem objeto de discussões e abordagem em sala de aula.

Palavras-Chaves:

1. Introdução

A proposta aqui apresentada aponta para um projeto didático-pedagógico denominado de Etnomangá, em referência ao exercício da etnografia associada à um gênero de histórias em quadrinhos, de origem oriental, o mangá. Os estudantes foram estimulados, nas aulas de Sociologia, a produzirem relatos etnográficos sobre situações de discriminação por eles sofridas, e depois, por meio de *Engines*, desenvolveram mangás, com base nas suas próprias narrativas.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela UNESP, Professora de Estágio na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, fernanda.feijo@cedu.ufal.br ;

² Graduando pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, diego.christo@ics.ufal.br;

³ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, sandaves.oliveira@ics.ufal.br;



É importante destacarmos que nossa prática ainda é introdutória e em construção, utilizando-se a ludicidade dos mangás como ferramenta na prática do ensino-aprendizagem da Sociologia na educação básica, onde a proposta segue a ideia de ensino de Sociologia de Moraes e Guimarães (2010) que sugerem o estranhamento e desnaturalização do cotidiano do estudante para desenvolver atitudes críticas e investigativas, através das histórias de vida dos próprios estudantes vítimas de racismo e outras formas de preconceito ilustradas nos quadrinhos e desenhado pelos próprios estudantes através de uma *engine*.

Não iremos problematizar sobre as questões que envolvem a nomenclatura que as Ciências Sociais oferecem aos espaços escolares para o segmento do ensino médio, pois quando falamos em Sociologia escolar, entendemos que “[...] Por ‘Sociologia escolar, referimo-nos à disciplina de Sociologia presente no ensino médio, a qual envolve as três grandes áreas das Ciências Sociais, a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política [...]”, (BODART; FEIJÓ, p. 220, 2020).

Diante do apontamento anterior é inevitável não passar pelas três disciplinas que constituem as Ciências Sociais, mas como o próprio título de nosso projeto sugere, nosso principal direcionamento é a Antropologia. Sobre essa disciplina nos diz Munanga, “que dois princípios a constituem, que em seu coração cabe o eu e o outro, o universal e o particular, a unidade e a diversidade, o ego e o *alter* [...] pretende estudar o homem no mesmo momento em sua unidade e em sua diversidade, a alteridade [...]”, (MUNANGA, p. 48, 2005-2006).

A origem desta prática ludica é idealizada durante a produção de um outro artigo e a participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP), em cujas observações em campo em instituições de ensino públicas do estado de Alagoas e diálogo com os estudantes interlocutores, foi possível constatar - por meio de relatos - alunos vítimas de alguma forma de discriminação dentro do ambiente escolar. O que mais chama atenção é a maneira como esses jovens têm a necessidade de externalizar (através do diálogo) o seu pensamento sobre o ato discriminatório sofrido ou testemunhado, dando origem assim ao “Etnomangá” que é uma representação gráfica das experiências vivenciadas por esses estudantes e sua reflexão sobre temas tão polêmicos e delicados do seu cotidiano, mas que se faz necessário o debate para promover uma educação de combate às práticas de discriminadoras no ambiente escolar.

Além dessa introdução e das considerações finais, esse trabalho conta com mais 3 seções: a primeira mobiliza o referencial teórico utilizado para o debate acerca da etnografia, autoetnografia e as questões relacionadas à discriminação racial; a segunda está ancorada no necessário debate sobre o papel da Sociologia escolar como ferramenta de combate ao racismo, e por fim iremos expor como ocorreu a construção do Etnomangá.





2. Discussão Teórica

Antes de apresentar o Etnomangá, passaremos por alguns conceitos que balizam a nossa proposta didático-pedagógico; já iniciada junto a alguns estudantes; e que nos orientam em aprendizagens mútuas e contínuas, pois, “[...] Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento [...]”, (MUNANGA, n. p. 2003), porque se percebe uma necessidade de discutir, destrinchar, mastigar, deixar mais palatável os conceitos para a Sociologia escolar, por fazerem parte da realidade concreta, não é algo banal e irrelevante, mas é imprescindível, para a concretização das assimilações desnaturalizadas.

2.1. Os Meandros do Racismo Estrutural

Ao buscar ferramentas conceitualmente orientadoras, para termos luzes que melhor nos direcione quanto as trocas de saberes que pretendemos continuar a desenvolver junto aos estudantes, como as exposições das interpretações de mundo, possíveis posicionamentos étnicos/raciais e principalmente os estímulos pelas buscas identitárias, será imprescindível entendermos os meandros do racismo estrutural. Silvio afirma que “[...] A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade [...] não é uma categoria específica [...]”, (ALMEIDA, n. p, 15, 2019).

Diante dessa explicação elucidativa, o pensador negro brasileiro, enfatiza ainda que este fenômeno não é patológico, mas que está normalizado, atuando como logica, tecnologia, favorecendo as reproduções das desigualdades, as violências que são intrínsecas aos modos de vidas das rotinas interpessoais e Inter institucionais da vida contemporânea, (*Ibidem*).

Nas nossas experiências e percepções, explorar as exposições dessas dinâmicas, têm sido fundamentais para elucidar os modos operante que muitas vezes; ou na maiorias das vezes; agem tão sutis que passam despercebidos pelos agentes sociais, que perdem ou reduzem suas ações e reações como agentes modificadores não só de suas próprias histórias, como dos inúmeros contatos sociais dessas trajetórias, que tem como consequências as prostrações que o racismo internaliza. Portanto por falar nessa palavra que representa um conceito de uma realidade cada vez mais presente nas diversas redes sociais; sejam relações eletrônicas ou dos contatos físicos; nossas preocupações expostas, se justificam, porque racismo é “[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em



desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam [...]”, (ALMEIDA, p. 22, 2019).

Diante dessas primeiras problematizações conceituais, iremos destrinchar em nosso projeto as três Concepções de Racismo que são a individualista, a institucional e a estrutural. De acordo com Almeida no caso o racismo de concepção individual é concebido “[...] como uma espécie de ‘patologia’ ou anormalidade [...] fenômeno ético ou psicológico [...] ‘irracionalidade’ [...]”, (ALMEIDA, p. 25, 2019), que se opera nos planos individual e coletivo e apesar de se estar sujeito as penalizações, pode não ser entendido ou aceito como racismo, mas somente como preconceito.

Já na concepção institucional do racismo, atuam como “[...] modos de orientação, rotinização e coordenação de comportamentos que tanto orientam a ação social como a torna normalmente possível, proporcionando relativa estabilidade aos sistemas sociais [...]”, (Ibidem, p. 26). Almeida ainda enfatiza que ela tem como resultado, desvantagens e privilégios para dados indivíduos, que podem ser racionais, como também pode moldar comportamentos e preferências. Prossegue ainda que há uma dominação dos indivíduos de tez mais brancas; especialmente os homens com esse fenótipo; uma dominação que pode ser concessória e subalternizada mas em contrapartida cercada de “[...] conflitos raciais [...]”, (Ibidem, p. 27), dos grupos e movimentos socialmente mais vulneráveis, pois o “[...] racismo é dominação [...]”, (Ibidem).

Por último vem a concepção do racismo que é estrutural, pois “[...] é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional [...]”, (Ibidem, p. 33). Almeida continua a destacar que o racismo estrutural não é aleatório, mas decorrem de processos políticos, pois seu grau de alcance, “[...] influencia a organização da sociedade, de grupos sociais inteiros [...]”, (Ibidem, p. 35). Por ser um processo político dominado por pessoas de pele branca e que move e normaliza a sociedade é uma incoerência se falar em racismo reverso, porque não faz sentido a dominação de minorias sociais sobre maiorias estruturalmente construídas. O racismo estrutural se afirmar também como processo histórico porque, “[...] está ligada às peculiaridades de cada formação social [...]”, (Ibidem, p. 36), e ela se processa circunstancialmente, como também através de transformações sociais.

Complementando nossa busca para entendermos as várias interpretações do racismo Kabengele Munanga define o racismo como:



Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais, (n. p, 2003).

2.2. Uma Complexa Rede de Relações

Sendo rede de relações humanas, por definição, complexas em nuances e conjunturas, destrinchá-las será essencial para uma melhor compreensão, não só para nós como para os estudantes, pois como nos deixou Frederick Barth, “as relações entre os fenômenos das etnicidades e das culturas, não podem ser reduzidos um ao outro (p. 15, 2005).”

Barth ainda nos explica que Cultura, “[...] está em um contínuo fluxo estruturado e expresso nas interações sociais entre os agentes, o que gera processos de transformação e variação cultural dentro de todos os grupos sociais [...]”, (*Ibidem*) e conseqüentemente os fenômeno da Etnicidade, “[...] não pode ser reduzida a conteúdos culturais homogeneamente distribuídos nos grupos e transmitidos entre as gerações [...]”, (*Ibidem*), o que torna nossa tarefa uma espécie de missão bastante complexa, para oferecer o mínimo de compreensão dessa “coisa”, chamada cultura e os diversos grupos sociais envolvidos.

Outro ponto que nos interessa e que queremos lembrar, principalmente por se tratar de um projeto que objetiva as construções identitárias como também por se tratar de relações complexas e redes socioculturais com trocas contínuas, que “[...] nenhuma outra pessoa no mundo possui um conjunto de ideias e conceitos cultura – idêntico ao meu [...]”, (BARTH, p. 16-17, 2005) e similarmente Munanga complementa nossas buscas aqui descritas que a identidade humana “[...] é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades[...]”,(MUNANGA, p. 48, 2005-2006).

2.3. Entre Etnicidade, Raça e Biologia

Outro ponto que destacamos como de grande importância de trabalhar junto aos estudantes é que cientificamente o conceito de raça é inexistente, já que até pelo menos fins do século XIX, alguns pseudocientista de então, “[...] desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças [...]”, (MUNANGA, 2003), o que Munanga chama de Raciologia.

Ainda prosseguindo sobre os dados sócio biológicos, por mais banal que possa parecer, e quase sempre passar despercebido, a concentração de melanina como nos lembra

Munanga, é um capital simbólico significativo, pois define os passos a serem dados, a diferença entre os indivíduos considerados matáveis. Sem entrar nos detalhes dos fatos, minha própria “fenótipicidade”, representou situações de abordagens policiais e um episódio de falsa acusação de roubo, seguida de minha única detenção dentro da mala de uma viatura, com tortura em um terreno baldio, mas que certamente não teria passado por esta situação constrangedora e perigosa, caso meu fenótipo e menos melanina conteria mais os ânimos acusatórios e uma quase penalização paralela.

Diante dessa experiência é inevitável não compartilhar, especialmente com jovens negros/pardos os perigos simbólicos as conformações e submissões que os conflitos pelo poder exigem, como já fui testemunha em presenciar jovens das periferias chamar policiais de “doutores”, num misto de temor e prostração. Toda essas abordagens, problematizações, o que está em jogo, são as relações do poder e dominação envolvidas, pois “[...] no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos [...]”, (MUNANGA, 2003), e o fato descrito anteriormente, não chega perto do que dezenas de jovens que conheci passaram e normalizaram as violências perpetradas nas periferias das regiões em qual convivi.

Depois das exposições no parágrafos anteriores um segundo ponto que nos parece importante destacar nesse jogo de conceitos que nos orientam e para deixar nossa tarefa ainda mais complexa, segundo Munanga o conceito de Etnia tem se configurado em mais um eixo imprescindível para entender a contemporaneidade desse fenômeno, pois “[...] racismo clássico se alimenta na noção de raça [...] racismo novo se alimenta na noção de etnia [...]”, (*Ibidem*), significa que o “[...] grupo cultural, categoria que constitui um lexical mais aceitável que a raça, politicamente correto [...]”, (*Ibidem*) fato esse que nos põe mais um desafio com os empregos mais adequados dos conceitos, mas que não deixem de expressar as “essências” do poder nefasto do racismo.

Encerramos esta seção, destacando que:

A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade, (MUNANGA, 2003).

Desanuviar as especificidades de cada agência estará dentro de nosso horizonte, pois os jovens ao qual iremos desenvolver trocas de saberes em ensinamentos e aprendizagens estão muito vulneráveis nos mais variados sentidos de suas vidas e encontrar, contribuir em mais

sentidos para tais existencialidades e um dever de uso das ciências sociais; Sociologia escolar; como um dever de empatia.

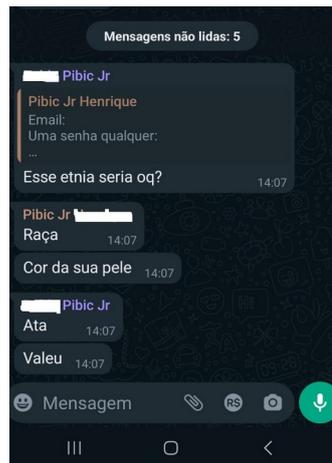
3. Preocupações com a Sociologia Escolar

Uma preocupação constante que sempre está norteando a formação nas graduações de licenciaturas e pauta de discussões teóricas na academia é o processo de formação dos jovens, nos mais diversos campos do saber. Para nós, das Ciências Sociais, pensar se a Sociologia escolar consegue dar o aporte necessário para que o estudante abstraia categorias, conceitos e teorias discutidas em sala de aula, entender processos históricos, socioculturais socioeconômicos que contextualizam fenômenos da vida em sociedade é de fundamental importância. Para Lahire (2014), “a Sociologia, em particular, têm primeiramente, como ambição produzir um conhecimento o mais racional possível do estado do mundo social”, mostrando que aquilo o é debatido/discutido nas aulas de Sociologia é uma visão mais aprofundada da vida em sociedade e enquanto professores de Sociologia não somos “detentores da verdade” e sim que tudo na vida de cada indivíduo é parte de um processo que remete a outros processos de formação e composição do mundo, enquanto sociedade.

Ao iniciarmos nosso projeto foi perguntado aos nossos interlocutores em sua maioria afrodescendentes e membros da comunidade LGBTQIA+ todos estudantes de ensino médio. Você já foi vítima de algum tipo de discriminação ou preconceito? A maioria das respostas foi negativa, afirmando que nunca sofreram nenhum tipo de ato ou fala discriminatório, o que nos remeteu a nossa segunda pergunta. E você saberia reconhecer se sofresse alguma forma de discriminação e preconceito? e nossa resposta também foi em sua maioria negativa os estudantes do ensino médio afirmaram que não conseguiram responder porque não conseguiriam identificar esses atos, velados em “brincadeiras” e falas que muitas vezes passam despercebidas devido a estrutura social.

A ideia de uma formação através do nosso projeto na escola pública sobre temas como preconceitos, racismo, questão de gênero e grupos minoritários avançou nos últimos anos, mas ainda parece que passa despercebido pela comunidade escolar essas questões tão sensíveis. Um exemplo dessa falta de atenção sobre os temas e que chama atenção é um pequeno diálogo entre dois estudantes da escola pública onde um estudante afrodescendentes membro da comunidade LGBTQIA+ ao se deparar com o preenchimento de um formulário desconhece o que é etnia e seu colega também estudante da escola pública pardo faz uma definição um tanto quanto preocupante, remetendo etnia apenas a “Raça” complementou “cor da sua pele”

Foto 01: Grupo de Whatsapp de alunos participantes do projeto escola pública em Maceió.



Fonte: Autores e Interlocutores 30/05/2023

Até onde a Sociologia escolar está de fato contribuindo para a formação desses estudantes, e os preparando para lidar com questões do mundo real e pensar de fato essas questões se mesmo categorias como etnia, raça e não é abstraída por eles durante sua formação no ensino médio, foi pensando nisso que através do “Etnomangá” uma forma lúdica de abordar tais questões dentro do contexto escolar e promover um processo de estranhamento e desnaturalização junto aos estudantes na escola pública para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem .

4. O Etnomangá em ação.

A primeira ferramenta que vamos utilizar é algo já conhecido pela maioria dos estudantes do ensino médio, que é a produção de texto. Não iremos nos ater apenas aos textos informativos e argumentativos, ao qual tem a finalidade de redações. Nossa proposta é apresentar o conceito de etnografia, já que:

É uma explicação descritiva da vida social e da CULTURA em um dado SISTEMA SOCIAL, baseada em observações detalhadas do que as pessoas de fato fazem. Constitui um método de pesquisa associados principalmente a estudos antropológicos [...] mas também é usado por sociólogos, sobretudo em relação a grupos, organizações e comunidades, (JOHNSON, 1997).

8º ENASEB

A partir dos estímulos para a produção etnográfica juntos aos estudantes é necessário estimular textos com maior rigor metodológico do que uma “mera e simples escrita”, buscando reflexões mais aprofundadas sobre esses registros. Segundo Schweig e Bitencourt (2020), a etnografia é uma ferramenta poderosa de análise, principalmente utilizada por muitos sociólogos e pesquisadores dentro da perspectiva qualitativa para entender os processos e dinâmicas educacionais e que se bem orientados, podem ajudar os estudantes a se utilizarem desta mesma técnica.

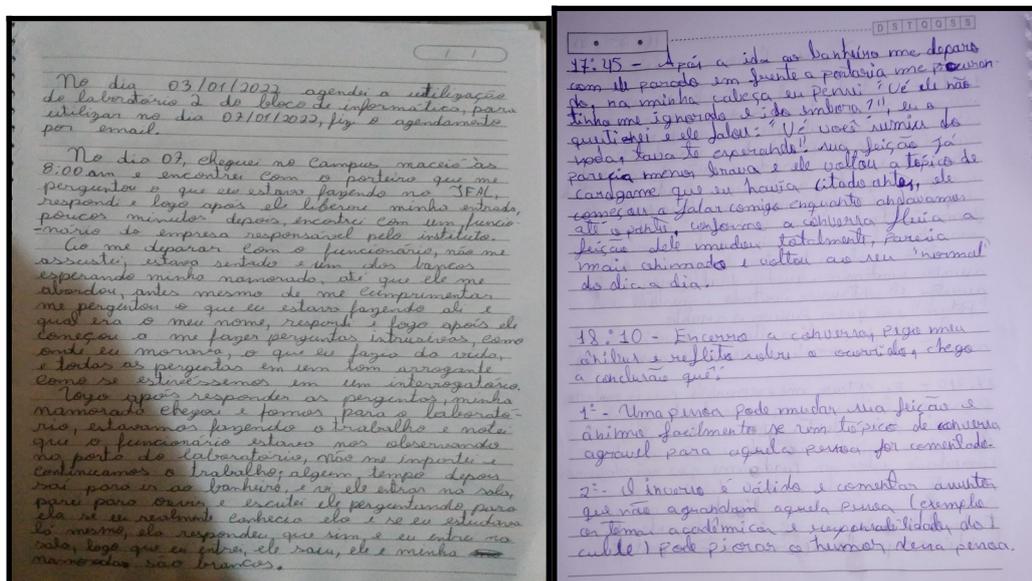
Foto 02: Oficina de produção de texto etnográfico.



Fonte: Autores 2023

Para que isso seja possível, na perspectiva de Soares (2017) de maneira a buscar um rigor e validação na escrita dos estudantes, é necessário que os mesmos passem por uma formação e orientações para entender o que é o diário de campo, observação participante e o texto etnográfico realizado por professores das escolas e graduandos de Ciências Sociais e orientadores da Universidade Federal de Alagoas - UFAL na escola pública.

Foto 03: Diários de campo.

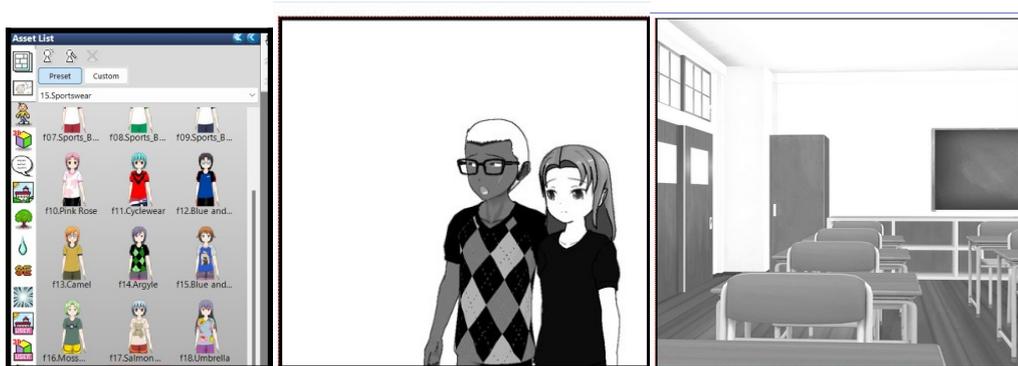


Fonte: Estudantes Interlocutores 2023.

Na imagem acima a primeira página é o relato de um estudante negro que sentiu-se contrariado pela abordagem feita na instituição de ensino onde estuda por um dos funcionários, o estudante alega que pelo fato de ser negro que o funcionario agiu dessa forma intrusiva. Segunda retrata como uma interação social pode ser mais confortável ou não, ele faz as anotações sobre o mau humor de um colega e poderá reflexões sobre como a interação com outro indivíduo pode tornar mais agradável se o tema da conversa for do interesse da pessoa e ressalta que o inverso é aplicável.

A outra ferramenta do nosso projeto é uma *engine*(motor) chamada ComiPo!, desenvolvida para pessoas que não sabem desenhar possam produzir as próprias HQ's no estilo de quadrinhos japonês o Mangá por meio de um programa de computador e inteligência artificial.

Foto 04 : Banco de dados da *engine*.



Fonte : *Engine* (ComiPo!) autores e interlocutores.

A *engine* permite que os estudantes usem o banco de dados já pré disponibilizado de avatares, vestimentas e cenários, ou mesmo, possam criar seus próprios avatares e salvar no banco de dados do programa para ser utilizado nas suas HQ's e possam importar para dentro da sua historia ambientes reais, tirando fotografias do seu *smartphone* carregando no computador essas fotos, tornando a história uma ambiente familiar e conhecido tanto para os criadores como também para os leitores, no que ressalta Braga Jr. (2011) os elementos que caracterizam os quadrinhos:

Eles simbolizam a nossa cultura, nossos costumes, nossas preocupações, nosso cotidiano, nossa ideologia e nossas vidas, principalmente, são meio pelos quais se percebe boa parte da estrutura social[...] Pode-se então identificar este papel pedagógico dos quadrinhos, não só no sentido de aplicar-lhe as noções alfabéticas e do bê-a-bá (já que muitos começam a ler, o fazem pelas revistas em quadrinhos), mas também, sendo as histórias em quadrinhos responsáveis pela compreensão das regras sociais e padrões culturais de um determinado grupo em que é produzida.

E o grupo pretendo por nos atingir no projeto é o público jovem, para que nossa proposta tenha um viés de informação e formação educacional através dos relatos de vidas dos estudantes e de como os preconceitos e barreiras que muitas minorias enfrentam são parte de seu cotidiano e de sua vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a escola enquanto um ambiente de formação e ao mesmo tempo reprodutora das relações sociais dentro de seu espaço, não é incomum termos dentro desse *campus* (Bourdieu) que algumas pessoas sofram algum tipo de preconceito ou mesmo sejam vítimas do racismo. Nosso projeto trabalha, através do relato de vida de jovens, a criação de uma revista de mangá, que seja uma forma desses jovens divulgarem o que sofreram com tais violências e as consequências dela e de seu impacto no dia a dia do estudante.

Uma forma de abordarmos casos reais através da ludicidade (HQ's) e de maneira anônima não expondo os estudantes, para com esse quadrinhos produzirmos campanhas de conscientização dentro da escola e da comunidade escolar a fim de minizar/reverte essas práticas que agridem as minorias dentro da instituição pública de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvo Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. n.p, ISBN 978-85-98349-74-9.

BARTH, F. Etnicidade e o Conceito de Cultura. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. N 1 (2 sem. 95) Rio de Janeiro: Niterói: eduFF, 1995.

BITENCOURT, Silvana Maria. Etnografia: o ensino de Sociologia e a. *In*: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; SIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020. p. 37-41. ISBN 978-65-876000-00-0.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Brasília, 20 dez. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> .Acesso em: 5 mar. 2023.

BRAGA JR, Amaro Xavier. **Desvendando o Mangá Nacional**: Reprodução e hibridização nas histórias em quadrinhos. Maceió: EDUFAL, 2011. 231 p. ISBN 978-85-7177-615-9.

BRAGA JR, Amaro Xavier. Histórias em Quadrinhos: o ensino de Sociologia e as. *In*: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; SIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020. p. 37-41. ISBN 978-65-876000-00-0.

Bodart, C. N; Feijó, F. **As Ciências Sociais no Currículo do Ensino Médio Brasileiro**. Revista Espaço do Currículo (online), João Pessoa, V:13. N:2. p. 219-234, maio/agos. 2020.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997. ISBN 85-7110-393-3.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de Sociologia? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, 1 jan. 2014. ENSEB, III., 2014, Fortaleza - CE. **Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?** [...]. Fortaleza: Revista de Ciências Sociais, 2014. 17 p. v. 45.

MEIRELES, Mauro; RAIZER, Leandro. Imaginação Sociológica: o ensino de Sociologia e a. *In*: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; SIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020. p. 37-41. ISBN 978-65-876000-00-0.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. *In*: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Coleção Explorando o Ensino: Sociologia**. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2010. v. 15, cap. 2, p. 45-62. ISBN 978-85-7783-039-8.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção de mídias contemporâneas. *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MUNANGA, Kabengele. UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA. **PENESB**: 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, Rio de Janeiro, 5 nov. 2003.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça" ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, ano 2006, n. 68, p. 46-57, dezembro/janeiro 2005-2006.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. Antropologia: o ensino de. *In*: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; SIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020. p. 37-41. ISBN 978-65-876000-00-0.

SILVA, Ileize Fiorelle. BNCC: o ensino de Sociologia e a. *In*: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; SIGALES, Marcelo Pinheiro. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020. p. 37-41. ISBN 978-65-876000-00-0.

8^o ENASEB

SOARES, David Gonsalves. A Pesquisa como ferramenta de ensino em sociologia: sentidos, obstáculos e potencialidades em livros didáticos e em práticas docentes. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, ed. 2, p. 378-388, mai/ago 2017.

